

# Pobres & Nojentas



"Nojenta" é a pessoa que  
questiona velhos valores,  
cria o novo e persegue vida  
boa e bonita para todos

Florianópolis (SC), março/abril de 2007 - Ano 1 - Nº 06 R\$ 4,00

Tirem as  
tropas  
do Haiti!

Poesia na  
palma  
da mão



Chica, liderança no  
Monte Cristo: capacidade  
de pensar e trabalhar  
para o bem comum

## Sonhar por toda a gente

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3	Editorial
4	<b>América Latina</b> Tirem as tropas do Haiti!
7	<b>Crônica</b> Voltando para casa
8	<b>As delícias de Su&amp;Li</b> Doce segredo de família
9	<b>Gênero humano</b> Ângela, a que sonhava
11	<b>Poema</b> Doença
12	<b>Vida real</b> Odeio os ponderados
13	<b>Ossos do Ofício</b>
14	<b>Luta popular</b> Chica das Chagas
17	<b>Crônica</b> Benzedura no deserto
18	<b>Perfil</b> Jóia na palma da mão
21	<b>Entrevista</b> Nasce um novo sujeito social-político
24	<b>Saúde</b> Mulheres fumantes, saúde frágil
26	<b>Tempo livre</b> Piores momentos de <i>Pobres &amp; Nojentas</i>



Companhia dos Loucos

Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro, nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra çalada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

#### Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Miriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosangela Bion de Assis
- Sandra Werle

#### Jornalista

Elaine Tavares  
(MTB/SC 00501-SC)

#### Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

#### Projeto gráfico e Editoração

Rosangela Bion de Assis  
(MTB/SC 00390-SC)

Antônio Carlos da Silva fez as ilustrações da capa e da contracapa

Frank Maia Bretas é autor da ilustração da página 26

**Florianópolis - SC**

O povo brasileiro precisa entender que o Haiti quer ajuda, mas não a intervenção militar liderada pelo Brasil. Esse foi o apelo do sindicalista e professor da Universidade de Haiti, Didier Dominique, que esteve em Florianópolis a convite do Jubileu Sul e do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A reportagem com Didier é um dos destaques da sexta edição da revista *Pobres & Nojentas*.

Outra é a reportagem-perfil sobre Francisca das Chagas dos Santos, a Chica, liderança no bairro Monte Cristo, na capital catarinense. Mulher de rara qualidade: com capacidade de sonhar so-

nhos coletivos, “seguir ajudando os outros, melhorando a vida no bairro”, como revela no texto assinado por Marcela Cornelli. Nesta edição, a novidade é a *tirinha*, assinada por Anderson Gonçalves, com as personagens “Axioma” e “Postulado”, dois corvos que discutem os “Enigmas do Nosso Tempo”.

Essa “mirada” diferente que a revista proporciona é o que levou o Sindicato dos Bancários de Florianópolis e Região (SEEB) a adquirir e distribuir 300 exemplares da edição número 5. A atividade foi realizada em 8 de março, Dia Internacional da Mulher, em agências bancárias da capital. *Pobres e Nojentas* foi entregue por dirigentes da entidade ao som de um violino e acompanhada de uma rosa!

EDITORIAL

## CARTAS

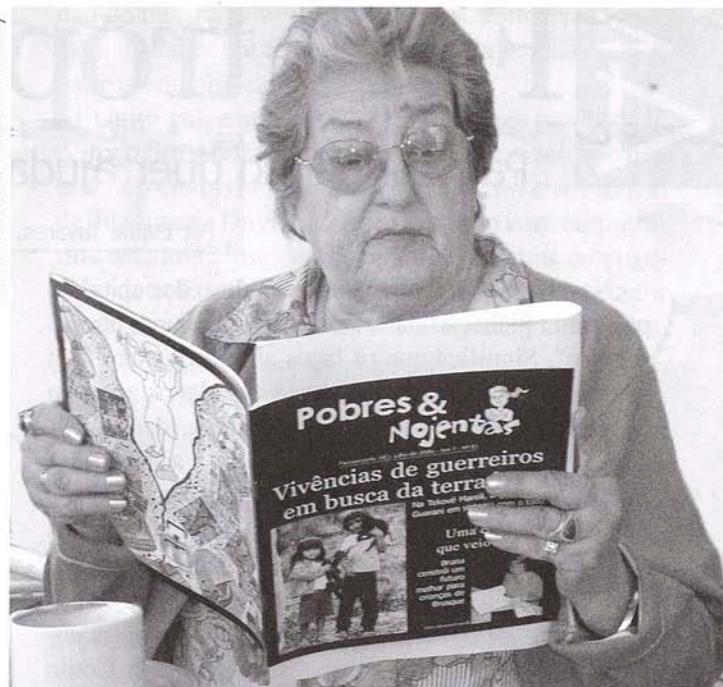


Está em *Provérbios*: “Quem critica com a verdade promove a paz.” Só essa já seria uma boa razão para a leitura de *Pobres e Nojentas*, uma revista verdadeira, crítica e ainda assim cheia de humor. Parabéns, meninas, e continuem mostrando a vida com ousadia.

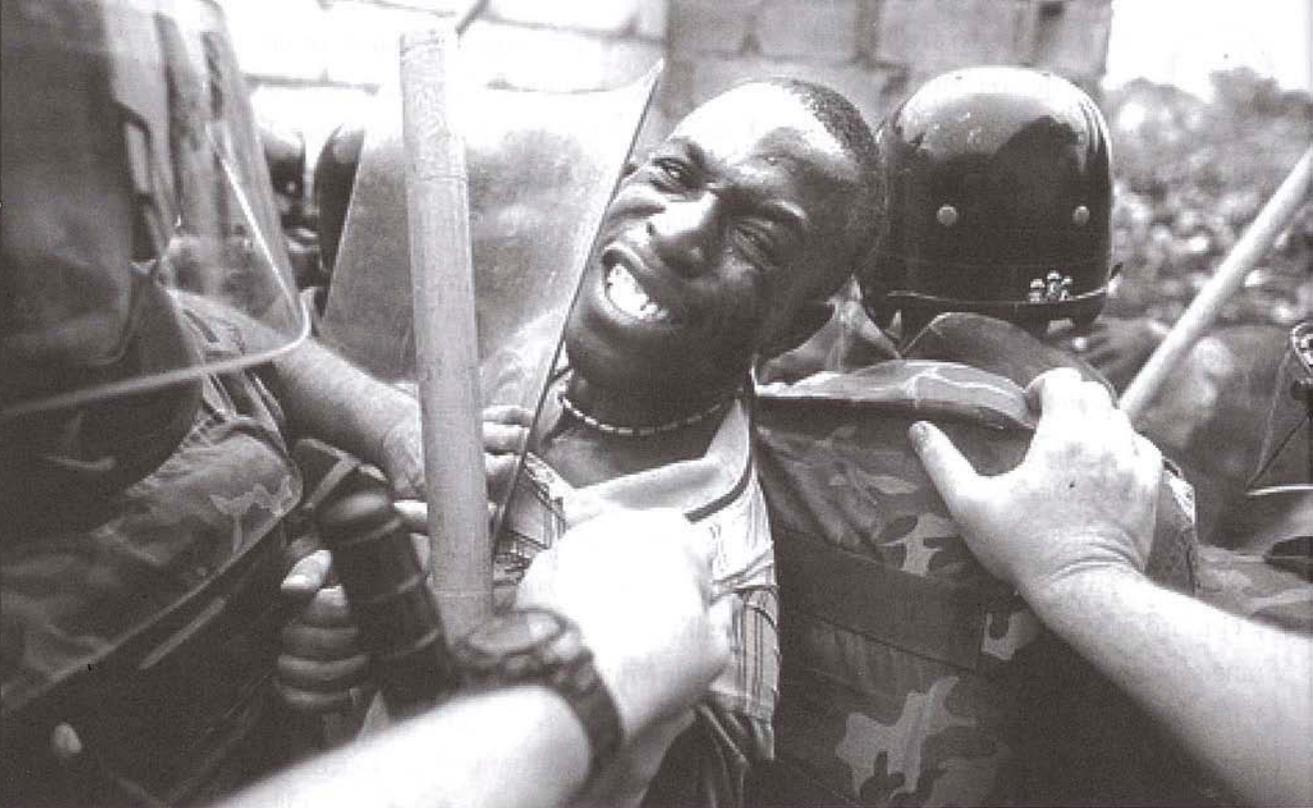
Ana Maria Cardoso  
Sintufsc, Florianópolis

[www.pobresenojentas.org](http://www.pobresenojentas.org)

Foto: Ricardo Casarini Muzy



**Hebe de Bonafini**, presidente da *Asociación Madres de Plaza de Mayo*, lê *Pobres & Nojentas*.



# Fora tropas do Haiti!

País caribenho quer ajuda, mas não a que oprime e destrói

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Nas paredes do bairro mais populoso da capital do país, uma pichação dá o tom. “Viva Adriano, abaixo Ribeiro”. Significa que os laços amorosos que unem os dois povos, a ponto de fazer os haitianos amarem de paixão a seleção de futebol brasileira (daí a menção a Adriano), não se desfazem com a ação vil das tropas brasileiras de ocupação (daí o abaixo Ribeiro – que é o militar que coordena as tropas). Os haitianos sabem que o acordo que levou os soldados para o seu país é entre elites, entre os governos, não entre os povos. “Basta de silêncio. O povo brasileiro precisa entender que o Haiti precisa de outro tipo de ajuda. Como a luta contra o mesmo inimigo: o capitalismo”. Este foi o apelo do sindicalista e professor da Universidad de

Haiti, Didier Dominique, durante a conversa que teve com estudantes e militantes sociais em Florianópolis.

Para Didier, a ofensiva imperialista é inaceitável. “O Bush diz que está arrumando o mundo para a eternidade. Isso significa intervenção econômica nos países, destruição cultural, guerra, terror. Propõe uma humanidade odiosa, feia, baseada em mentiras. Não podemos aceitar”. Segundo o professor, as gentes do mundo estão alienadas, embarcando na idéia do pacifismo, da salvação da democracia e da ajuda. “Nós não queremos ajuda, não essa que está oprimindo, mas sim a luta contra aqueles que querem roubar nossa vida e provocam migrações em massa. Denunciamos essa mentira do pacifismo num tempo em que era pre-

ciso haver uns cem Vietnãs, como dizia El Che, porque estamos sendo destruídos e o mundo está calado”.

## Um pouco de história

Para entender o papel das tropas brasileiras no Haiti, é preciso entender a lógica do projeto que está proposto para o país, e um pouco da sua história. O Haiti tem uma longa tradição de luta popular. Foi o primeiro país de Abya Yala a garantir, na luta, sua independência. O único no mundo onde os escravos foram os protagonistas, e não os *criollos*. Foi lá, naquelas terras, que Francisco de Miranda e Simón Bolívar buscaram abrigo e conhecimento, que os levou à luta pela libertação da Pátria Grande. Mas esta ousadia teve um preço: 150 milhões de francos/ouro, a primeira dívida externa que saqueou o país, impedindo a construção de uma alternativa econômica para seu povo. Desde aqueles dias de independência colonial, mas não financeira, o Haiti se manteve na linha da pobreza, com uma classe dominante bastante débil.

Por conta do permanente estado de tensão, o Haiti também ficou vulnerável às lutas internas. Viveu ainda décadas de ditadura do pai e do filho Duvallier, governos ferozes, predadores, mortais. E, quando conseguiu sair da opressão elegendo um presidente, Bertrand Aristide, se deparou com a corrupção, o roubo de suas riquezas e a companhia nefasta do império, os Estados Unidos. Desde os anos 80, no governo Regan, foi organizado um plano para o Caribe. Criaram-se fábricas, parques industriais e zonas francas, com a promessa do desenvolvimento. Mas, como sempre, o plano só é bom para os EUA. No acordo firmado, a vantagem que o governo haitiano oferecia às empresas era a mão-de-obra barata de sua gente. A jogada era, e é, manter o salário miserável para que as empresas fiquem no país. Assim, ganhando 1,65 dólar ao dia, um haitiano tem sob a cabeça a ameaça constante: se brigar contra isso, as empresas vão embora. Então, entre nada e o dólar miserável, ele tem de preferir o dólar.

Hoje já são 56 zonas livres de impostos. Coisa para turista. A burguesia existente é a que mexe com esse setor. A lógica da Área de Livre Comércio das Américas é a que manda. Aos trabalhadores resta a

fome e a opressão. Nas zonas francas, passam o dia todo sem comer, porque não podem ir para casa e muito menos têm comida para levar. Quando muito, fazem uma refeição por dia. A repressão aos sindicatos é coisa normal. Estar vinculado a uma organização de classe é quase como pedir demissão. “Há pouco tempo criamos um sindicato para os trabalhadores da Coca, da Pepsi e de um outro refrigerante nacional. Todos os sindicalizados foram demitidos”.

## Destruir para dominar

Didier conta que durante o governo Carter um golpe profundo destruiu as famílias. Lá, ter um porco é como ter uma poupança. Se um homem casa uma filha, mata-se um porco, se alguém morre é o porco que garante o recurso para o enterro. Na dificuldade é o porco que salva o sujeito. Está na cultura do haitiano ter um porco em casa. Pois em 1982, a economia local foi arrasada com a declaração – feita pelo governo estadunidense – de que os porcos do Haiti estavam infectados de febre africana. Houve uma matança e não ficou um porco em pé. Foi o prenúncio de toda essa tragédia que o povo vivencia hoje. Sem sua riqueza mais visceral, o haitiano migrou, foi engrossar o cordão de miséria nas cidades maiores. Porto Príncipe, a capital, aumentou em quatro vezes sua população e os bairros empobrecidos cresceram.

Outro golpe que levou os camponeses para a cidade foi o fim das lavouras de cana, no momento em que estavam envolvidos com as lutas que levaram ao fim da ditadura de Duvallier. Aproveitando isso, empresários estadunidenses começaram a comprar os engenhos de açúcar. Naqueles dias, o Haiti era exportador desse produto, mas as lavouras foram incendiadas, tudo foi destruído. Hoje, o país importa 100% do açúcar que consome. Além disso, com a chegada da Rice Corporation, outra empresa dos EUA, também foi destruído o plantio





do arroz. Estes golpes arrasaram o campo e criaram o exército de reserva que as empresas maquiladoras precisavam para garantir salários miseráveis e lucros astronômicos. Chegaram o FMI e o Banco

Mundial, gerando outra dívida externa estratosférica. A desorganização social se agigantou. Sem terra, sem trabalho e sem porcos, os haitianos do campo foram para a cidade. Cité Soleil, onde a mídia cortês diz que estão os bandidos terroristas, nada mais é do que um desses bairros formados pela gente que – de forma criminosa – foi expulsa do seu viver. Mas a cidade não oferece nada.

### A crise atual

Os bairros populosos e empobrecidos abrigam uma massa de desempregados ou subempregados que lutam para sobreviver. E neles se dá a maior repressão. O novo presidente não está cumprindo o que prometeu. Didier conta que entre os 30 candidatos que apareceram nas eleições presidenciais, certamente Preval (o atual presidente) era o menos pior. “Nós poderíamos até trabalhar a idéia do voto nulo. Mas, diante, do caos, o povo precisou de um filete de esperança. O processo eleitoral burguês é contraditório, mas, naquele momento, era tudo o que tínhamos. Entendemos que a democracia burguesa é uma mentira, mas temos de acumular forças para romper com isso”.

René Preval segue o mesmo diapasão dos antigos dirigentes. Até firmou acordo com as forças armadas dominicanas para proteger os bens da burguesia. “Ele disse que iria transformar os tanques em caminhões, mas não o fez. Enquanto isso, nossa

gente está morrendo. Os movimentos sociais fazem o contrapeso. A velha esquerda faliu, se organiza desde cima, não tem representatividade”. As “forças de paz”, que o Brasil dirige, servem então de anteparo para os desmandos de uma classe dirigente insensível e para o domínio das transnacionais. “Vivemos sob a ocupação militar, momentos de terror. Massacres, matanças de civis. Sempre são civis. Mulheres, crianças, velhos. Mas, nossas mulheres seguem parindo, tirando de dentro delas a força que vai mudar”

Assim vive o povo do Haiti, todos os dias, sob a pressão dos fuzis brasileiros. “As tropas estão lá para manter essa ordem. A da miséria, da fome. Porque esse é o interesse das transnacionais. A primeira regra é manter as zonas francas – estão até construindo outras. E a segunda é manter os trabalhadores como escravos”. Didier Dominique fez que questão de frisar que os países que praticam esse tipo de “ajuda”, com tropas e apoio ao projeto estadunidense, são governos que se elegeram a partir das esperanças do povo, como o de Lula. E isso é uma contradição, porque o povo brasileiro certamente não iria querer que seu país cumprisse esse papel. É um acordo entre governos e entre as elites. “É bom que as pessoas pensem: por que não estão lá a Venezuela, o Equador, Cuba? Esses países não mandam tropas. Eles mandam médicos, engenheiros, agrônomos, pessoas que buscam construir um outro projeto. Que são solidários na busca de um outro modelo de vida”. Ao observar isso, o sindicalista coloca luz sobre as forças sociais que estão em jogo hoje na América Latina. De um lado a idéia do socialismo, de outro o projeto predador das multinacionais, dos Estados Unidos e dos seus governos satélite. Nós estamos do lado socialista.

PROJETO  
AMÉRICA  
LATINA  
PALAVRA  
VIVA

Escola  
de  
Línguas

[amlapav@gmail.com](mailto:amlapav@gmail.com)



# Voltando para casa

Por Elaine Tavares  
de Florianópolis

Eu sempre sei. Acho que é o cheiro, sei lá. Pode ser madrugada e não haver luz alguma, eu percebo que já estou chegando em casa. Quando é dia, a sensação de chegar vem acompanhada da imagem enigmática, apaixonante, de uma vegetação sem igual. As árvores retorcidas, baixinhas, bem verdes. E aquele cheiro... É a hora em que o coração dá um salto e todo o corpo amolece, de puro prazer. O cerrado, o doce e espinhoso cerrado! Na beira da estrada já assoma um certo jeito de ser, só possível ali. Uma maneira de andar, um modo de falar, uma leveza, um riso. Até o pão de queijo parece ter outro sabor. Na estrada que vai de Belo Horizonte a João Pinheiro, é batata. Numa determinada hora eu já sei. Fui engolida por essa região que povoa o campo das minhas mais doces lembranças.

É encravada no cerrado que fica a casa do meu pai. Na pequena João Pinheiro, terra em que a divisão das classes é explícita. De um lado, os fazendeiros com suas caminhonetes, chapéus largos e botas de caubói. Do outro, o resto das gentes: peões, comerciários, trabalhadores dos escritórios e funcionários públicos. Nas casas típicas do interior mineiro, de janelas pequeninas, geralmente caídas, quase sempre tem alguém sentado nos alpendres, naquela espera. A vida vai devagar, tal qual o poema do Drummond. O sol quen-

te “queima o côco”, como dizem os locais, entre risos. Mas, ainda assim, se pode ver os trabalhadores nos campos, sem proteção alguma. São os que garantem a riqueza dos fazendeiros que violam as terras plantando a soja, alienígena.

Nada parece acontecer na cidade. Ano após ano e não há mudanças. Para as bandas da Itatiaia, antiga empresa de reflorestamento que abandonou o local, pululam os sem-terra. Quase 200 famílias de sem-nada que decidiram ocupar o lugar e que seguem pelejando contra os fazendeiros que usam as mesmas terras para engordar o gado. Alguns deles até botaram cercas, fazendo o que sempre fizeram. Grilando. Os anos passam e nada se resolve. As gentes sob as lonas, esqueléticas, e as vacas engordando.

Na casa de meu pai se repete o cenário de Drummond. Os dias passam lentos entre o mate da manhã - lembrança dos pagos gaúchos - e o café do pôr-do-sol. Ainda se vai à missa nos sábados e se põe a cadeira na calçada quando a noite vem. As pessoas se conhecem pelo nome e numa caminhada até o mercadinho é um tal de: Tarde, sá!, que se pronuncia à exaustão, mudando para: Tarde, sô, quando o cumprimentado é um homem. “Como vai a dona Zefinha”? – “Vai indo como deus qué, sá”. É como se a cidade fosse uma única casa. Os casos escabrosos de mortes ou assaltos são discutidos por cima dos muros e até o ataque de um cachorro gran-

de que machuca um pequenino envolve a vizinhança toda.

Sempre quando chega o final do ano, a casa de meu pai, no meio do cerrado, é meu momento de descanso da alma. Apesar da gritaria do Hip-Hop tocado pelos sobrinhos e dos problemas que toda a família tem, eu posso sentir essa coisa boa de pertencer a uma comunidade, de verdade. Ali eu sou a filha do Nelson, a irmã da Nara e os vizinhos espiam, admirados do fato de existir alguém que vive tão longe dos seus. Não condenam, mas estranham, afinal, por ali, a lógica é todo mundo ficar junto, haja o que houver.

Eu escuto os rumores e adormeço na paz. No pequeno quintal da casa, os passarinhos fazem um barulhão que é, para mim, um anúncio do céu. Na laranjeira moram umas rolinhas, as quais o meu sobrinho Renato protege, fazendo toldos de saco plástico para que a chuva não estrague os ninhos. O pé de acerola, plantado pela minha mãe, fica cheio de frutinhas. É o presente dela para todos nós nesses dias de encontro, em que seu corpo físico não está mais. E a gente se farta com o suco azedinho, que é todo Helena, enquanto o Zé, balançando na rede, toca, dolente, as modas de viola que aprendemos com o pai. A figueira também arreventa de frutos, colhidos carinhosamente por Lurdes, que os transforma em puro néctar enquanto conta suas aventuras pelo vale do São Francisco. A Nara vê as missas da Canção Nova e o Diego

pensa na vida, entre um cigarro e outro, mineiramente esticando a hora de virar homem. O Costelinho circula pela casa, ora rosnando, ora mordendo os pés de todo mundo. Gigante figura de 40 centímetros. O pai entra e sai, num afã de caminhadas para levar a mensagem da Virgem de Fátima.

Tudo isso dura pouco menos de 15 dias. Esse marasmo mineiro, esse descanso, essa sensação de estar em casa, na paz. Passadas as festas de fim de ano lá vou eu de novo, desgarrada do clã, voltando para o sul. Sem queijo de minas, sem o cheiro da terra seca, sem os meus. E é bem nessa hora, em que não sinto mais a presença do cerrado, quando o ônibus ultrapassa a última árvore retorcida, que eu sempre choro. O silencioso pranto de quem está, outra vez, sozinha no mundo de deus. Tão só quanto naquele longínquo dia em que deixei a casa dos meus pais para perseguir um sonho que não cabia na pequena cidade mineira. Hoje, o sonho é real... Mas tem sempre um oco...

Enfim, centenas e centenas de quilômetros depois, passando São Miguel, já em Santa Catarina, eu avisto a ponte de ferro de Floripa. O mar azul. A mata atlântica. E, estranhamente, meu coração saltita, meu corpo se derrete. Ali estou eu, voltando para casa. Quem pode entender?... É nessa hora que tenho a certeza de nossa casa é esse planetinha azul e os pequenos espaços nele onde somos amados.



# as delícias de Su & Li



Uma coluna  
culinária  
com o carinho da  
vovó,  
a dedicação da  
mamãe  
e o tempero da  
mocinha...

## Doce segredo de família

Uma receita muito simples, de gente do interior, acompanha minha família há gerações. É a galinhada, uma espécie de risoto (para os que são da ilha), mas com pedaços de galinha, não carne desfiada.

Hoje em dia, se a vó Helmi vem para a capital, é certo que sai a galinhada para reunir os netos, o filho, a nora, a outra filha... Estas últimas, aliás, se desdobram para seguir o legado mas, no julgamento dos netos, todas as tentativas acabam em um “tá bom, mas não é igual à da vó”.

“Mas a galinhada mudou muito, com o tempo, assim como todas as coisas mudaram”, contou a vó Helmi no mais recente almoço de domingo em família:

- Minha mãe preparava o prato com galinha caipira, caçada no terreiro, nunca com menos de um ano de idade. Hoje em dia se compra galinha carneada com três, quatro meses de idade. Uma carne molinha, se não cuidar desmancha. O melhor é fritar rápido, com o óleo bem quente e a panela aberta.

- Os temperos mudaram, vó?

- Ah, sim, muito. Minha mãe botava bem poucos, uma cebola, tempero verde... Que eram colhidos no dia, na horta que

ficava nos fundos da casa. O milho também era tirado da espiga e não da lata...

- E até o fogão mudou, né? No tempo da bisã não existia fogão a gás.

- É verdade, se acendia o fogão a lenha no inverno e no verão. Pra fazer a galinhada, ela tirava a tampa do fogão e a panela de ferro, sempre bem grande, ficava direto no fogo. Aliás, isso não mudou: uma boa galinhada sempre é feita em panela de ferro. De preferência grande, que galinhada é pra ser feita pra muitas pessoas.

Aprendiz de feitiçeira, eu lembrei aos meus sobrinhos, na ocasião, que, diferente de muitas das galinhadas que comi na minha infância – um prato que sempre foi muito comum no interior de Santa Catarina e que eu já experimentei na transição entre a galinha caipira e a de granja, comprada na cidade – a da vó tem um sabor particular, tratado entre os menos chegados como um segredo de família.

A vó Helmi sorriu, com ar sapeca por trás dos óculos, e contou:

- Ah, todo mundo sempre quer saber porque a carne fica tão marrom, o arroz tão escurinho. É um doce segredo, mas é muito simples: é só jogar uma colherinha rasa de açúcar no óleo bem quente e deixar queimar antes de colocar a carne...

## Galinhada

Esquente bem o óleo numa panela de ferro, jogue uma colher rasa de açúcar e deixe queimar. Coloque os pedaços de frango e deixe fritar até ficar bem marrom. Faça um espaço no fundo da panela e refogue o alho e a cebola picados. Misture com a carne, acrescentando o sal, a pimenta-do-reino e o tomate picadinho. Deixe o tomate cozinhar um pouco e em seguida jogue o arroz e a água. Coloque água quente, em quantidade que cubra o que está na panela. Tampe e deixe ferver, sem esquecer de conferir de vez em quando, dar uma mexida e ver se precisa de mais água. Quando o arroz estiver quase no ponto, acrescente o milho verde. Um pouco antes de desligar, acrescente o tempero verde (salsa e cebolinha). Deixe a galinhada levemente ensopada para servir. Chame a turma toda, que o melhor é comer bem quente, de preferência ouvindo as histórias que seus familiares ou amigos têm para contar.



# Ângela, a que sonhava

No encontro de duas mulheres, um batismo e a libertação da palavra

Raquel Moysés  
de Florianópolis

No refeitório pequeno, onde as pessoas que vigiam o lugar se alimentam, a prisioneira fixa a desconhecida com olhos verdadeiros. É um encontro de duas mulheres que nunca se viram, mas que se reconhecem na sua condição de serem, simplesmente, humanas, demasiadamente humanas. Uma quer falar, contar para a outra, a jornalista, a história de sua desventura, o infortúnio que a faz estar ali, entre mais de 70 mulheres como ela, prisioneiras, cada uma a seu modo, de um drama.

A conversa fluiu sem desconfiança de uma nem discriminação da outra. A moça quer falar, mas não deseja que seu verdadeiro nome seja revelado. Então, antes de começar a narrar os acontecimentos de sua vida, aceita um batismo simbólico. Na história que vai ser publicada o nome dela vai ser, simplesmente, Ângela.

Então, a prisioneira vai abrindo aos poucos o seu coração, e conta. Ângela é uma mulher que amou demais. Mas agora, à distância de anos, depois de tanta dor, não sabe mais se aquilo era amor, ou era o sonho do amor. O certo é que, desde menininha, ela sonhava em crescer para encontrar um moço bom, com quem viveria em uma casa simples, limpinha e iluminada pela presença de filhos amados e bem cuidados. Ela foi crescendo, e nunca pensava em ser uma mulher estudada, com um trabalho bem remunerado.

Não sonhava com isso, ou não a deixavam sonhar. O pai não aceitava moça liberada, dizia que mulher que dirigia carro não prestava. Quanto mais o via brigar com a mãe, maltratá-la, mais a menina desejava aquela casinha asseada, cheia de afeto e aquecida pela presença de pequeninos.

Os pais se separaram, em meio a brigas. O pai foi para os braços de outras mulheres, e a mãe encontrou conforto na religião. Ângela então precisou trabalhar duro, buscar sustento para a família. Moça feita, não era daquelas jovens exuberantes. Tinha um caráter bastante calmo e reservado. De traços delicados, olhar castanho, não gostava de chamar a atenção com exageros. No fundo, se achava feia, sem atrativos. Pensava que ninguém gostava dela, mas ainda sonhava com um casamento feliz, uma família harmoniosa.

Foi nesse momento da vida que conheceu o moço. Ângela já trabalhava no escritório quando ele foi contratado como contador. Alguma coisa bateu mais forte em seu peito, e ele alimentou o sentimento, fez até ela acreditar que era sincero, que a amava de verdade. O namoro durou seis meses, até ela descobrir que o

moço mentia, tinha outra mulher, era casado.

A sonho encantado da menininha de entrar na igreja, vestida de véu e grinalda, com festa em família e tudo o mais, ruiu de repente, e ela ficou sem chão. Descobriu que ele falava dela para os colegas, zombava de seus sentimentos. Machucada demais por dentro, veio a tristeza, a depressão. E foi num daqueles períodos antes da menstruação, chamado pelos médicos de TPM (tensão pré-menstrual), e que sempre a deixavam muito mal, deprimida demais, que tudo se precipitou.

Ângela só se lembra de ter permanecido ao lado do corpo sem vida do homem que ela amara. Esperou, sem reagir nem tentar fugir que a levassem e a trancafiassem na prisão. À tragédia, seguiram-se meses, anos de desespero, sofrimento sem fim. Não conseguia aceitar que aquilo acontecera, que tivesse sido ela a cumprir aquele gesto extremo. Sentia que o lugar em que fora jogada para penar e cumprir a pena da lei, não era para ela. Não tinha nascido para isso, não havia sido educada para viver assim. Concluiu que o mundo estava mesmo todo errado.

Adoeceu de alma e de corpo. Magra, pálida, sentia que estava definhando dia a dia, mesmo recebendo o apoio da mãe, das irmãs, de outros familiares. Até o pai que abandonara a família a visitou, chorando muito, talvez arrependido. Ângela não conseguia ter raiva dele, apesar das lembranças tristes das brigas, e de lamentar, bem lá no fundo, que ele não a tivesse deixado estudar além da oitava série.

Aceitou a condenação da justiça dos homens. Arrepende-se? Sentia que isso não fazia a mínima diferença. O que ela fizera, tirar a vida de quem havia amado, não tinha nada que pagasse. Nada mais o traria de volta, nada. A felicidade, no seu sonho romântico de amor, era ter ao seu lado aquele que fora o primeiro homem de sua vida. Mas agora, no meio de tanta dor, nem conseguia mais lembrar o rosto dele, como ele era...

Veio o julgamento, a condenação a cum-

# Doença

Por Paulo Zembruski  
de Florianópolis

prir seis anos em regime semi-aberto. Mas como para as mulheres não há semi-aberto no complexo penitenciário, Ângela cumpriu fechada quatro anos cravados na pele, no coração. Mais um ano de remissão pelo trabalho feito na prisão. Então, finalmente, a liberdade. Voltou para a família, que não a abandonara, tratou logo de trabalhar, mudou de casa. Aprendera que era preciso gostar de si mesma antes qualquer coisa, se respeitar, se aceitar. Não mais sonhava com a casinha de cortinas branquinhas, o companheiro carinhoso, os filhos correndo pela sala. Não fazia questão de conhecer ninguém mais, só de trabalhar, estar com a mãe. Quando já vivia dois anos fora das grades, veio a possibilidade de um novo trabalho, na lavanderia de um hospital público. Quando lhe pediram a folha corrida, veio escrito que tinha prisão preventiva decretada.

Alucinada, Ângela não acreditou, só podia ser um erro. No Fórum, ouviu, aterrorizada, que precisaria voltar para o presídio. O advogado, que pagara com tanto sacrifício, não lhe havia explicado os trâmites que precisava fazer para obter o alvará de soltura e sair na condicional.

E agora, passados quase dois meses, ela estava ali, na salinha exígua, contando tudo para a outra mulher. Nesse lugar afastado da vida, ela esperava a hora de sair. Não podia acreditar que ficaria muito mais tempo ali. “Já cumpri quatro anos fechada,” repetia, com voz sumida.

O rosto pálido, que contrasta com a blusinha de lã sintética marrom, quase não se altera quando fala. Os olhos, contudo, não são indiferentes, impassíveis.

Falando com a jornalista, mexeu em feridas profundas. Mas ela quer ainda contar aquela história. Seus olhos não mentem. Talvez precise que outros seres humanos, iguais a ela, saibam de sua dor: “Eu sei que, pela lei, eu tinha que pagar, mas o que eu fiz, nada paga... No fundo, bem no fundo, sei que Deus me perdoou. Só ele sabe o que a gente é, conhece o nosso coração...Se existe Deus, ele sabe...”

Uma aspirina  
não faz mal  
mata devagar  
nosso pouco caso

Perambulamos na madrugada  
de drogarias e bares  
loucos que o  
farmacêutico nos aceite

Tomo mais um gole  
experimento  
o pequeno beijo  
no vidro frio

o fantasma que  
acena na esquina  
não é seu  
já foi!

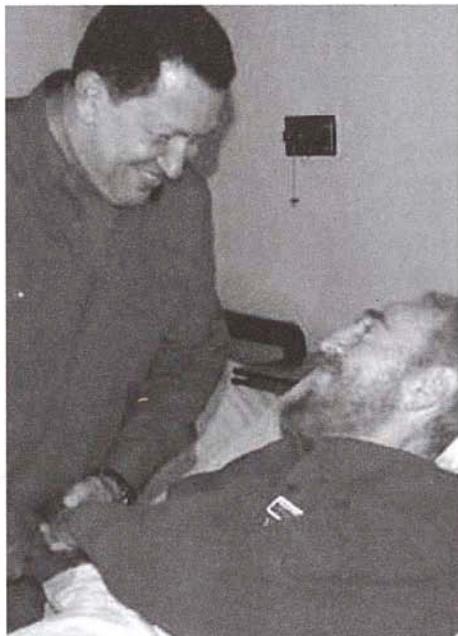


Foto: Rosângela B. de Assis

## Odeio os ponderados

Por José Newton Tavares  
de Belo Horizonte

Eu sempre fui meio esquisito, andando pelo lado contrário das coisas. Meu olhar sempre pousou nas outras margens. Assim como Edgar Allan Poe, também tive a sensação de que “nunca via como os outros viam. Minhas paixões eu não podia tirar de fonte igual a deles; e era outra a origem da tristeza, e era outro o canto que acordava o coração para a alegria”. E assim foi. Por entre os caminhos estranhos à maioria eu armava a minha tenda e preparava o banquete solitário para os deuses. Nunca tive muitos amigos. Não os com-



Os “desequilibrados” são as luzes da raça

prendia. Da mesma forma que Nietzsche, bati em retirada em direção à montanha.

Foi essa vocação à solidão e ao insólito que me rendeu muitos anátemas. A maioria não suporta isso. O bando odeia o indivíduo solitário. Ele é a prova viva de suas superficialidades. A multidão vê a mesma coisa. O solitário vê uma coisa só. Isso me lembra aquela história dos dois flautistas que tocavam na praça pública. Um deles tocava melodias maravilhosas, as notas saíam uma atrás da outra, sempre numa ciranda de harmonia. Todos admiravam sua arte. Do outro lado, um flautista solitário tocava uma nota apenas. Incomodado, um turista perguntou: “Por que você não toca como o outro flautista? Porque toca apenas uma nota sem parar?” Ele respondeu: “Porque eu já achei a nota certa”.

Outro dia, essa estranha mania de caminhar por onde ainda não há vias me traiu mais uma vez. Não tenho culpa. Ela desce sobre mim. Quando menos espero lá estou na direção oposta, fulminado pelos olhares dos donos da verdade. No entanto, eu não procuro mais a verdade. Procuro a beleza. Explico: odeio os ponderados. Eu os odeio com todas as minhas forças. Sei que aos olhos da normalidade devo estar louco. Talvez esteja mesmo. Mas o que é a loucura? Quem delimitou o espaço da normalidade?

Descobri que odeio os ponderados ao ouvir uma conversa na sala dos profes-

sores da Universidade onde trabalho. Um colega de lides científicas, portanto sério e ponderado, desferiu um ataque feroz ao presidente venezuelano Hugo Chávez, pela forma como ele se referia ao estadunidense George W. Bush, o chamando de “diabo” e coisas do gênero. Segundo o eminente professor (muito ponderado), Chávez deveria ser mais ponderado, afinal, sendo ele chefe de uma nação, não poderia se referir a outro chefe de estado com palavras de baixo calão.

Foi aí que minha estranha mania de viajar ao contrário se manifestou. Fui o único a discordar. Porque odeio os ponderados. Odeio os que querem sempre o meio termo. Os que pensam andar delicadamente em cima de muros. Odeio os habermasianos que querem resolver problemas vitais com argumentos racionais e lógicos. “A vida ultrapassa todo entendimento” (Clarice Lispector). A vida não espera. O corpo desfigurado não discursa, não entra em entendimento. Diante da vida humana sacrificada, os argumentos dos ponderados me soam adequadores e cínicos.

Odeio os ponderados. Eles nunca criaram nada de importante na história. Pelo contrário. Foram os desequilibrados que geraram vida para a raça. O homem é um eterno desequilibrado, por isso transcendente. Ele não aceita o que está aí, sonha o apenas vislumbrado. Por isso se lança na poeira do mundo em busca do

não sabido, cria religiões, arte, canto e dança. Por isso chora quando a morte aparece, porque sabe que não foi feito para ela. Por isso, quando seus braços estão algemados, canta. Quando sua boca está trancada, chora. Quando lhe impedem de ser, é. Quando lhe tiram os horizontes, olha por cima das nuvens. Nada segura um desequilibrado, porque sabe que não é daqui. Um desequilibrado nunca aceita a vida como ela é, porque sabe que nós não somos só esse pacote de desejos e necessidades.

Quão diferentes são os ponderados. Eles não brincam na chuva por medo de gripe. Não pulam das árvores por medo da queda. Não se lançam ao amor para não sofrer desilusão. Não saltam no abismo pelo medo do escuro e do imponderável. Não se lançam em uma grande aventura, pois ela pode acabar mal. Medem conseqüências. Vivem com uma balança debaixo do braço. E se não der certo? Os ponderados pensam duas vezes. Racionais. Demasiadamente racionais. Em nome da ponderação legitimam mundos sacrificantes e desumanos.

Odeio os ponderados. O que seria do mundo se Moisés, Gandhi, Jesus, King e uma infinidade de desequilibrados como eles tivessem sido ponderados? E se tivessem pensado duas vezes? Eles não pesaram os dois lados, porque não tinham dois lados. Estavam de um lado só. Do humano. Da beleza. Diante da morte só há um lado: o lado da vida. Graças a Deus eles não foram ponderados. Foram inconseqüentes.

Sei que os ponderados dirão: “Bela coisa! Veja o resultado. Quase todos assassinados. Se tivessem ponderado não teriam o fim que tiveram.” Mas eles não tiveram fim. São eternos. Essa é a diferença: os desequilibrados não morrem. Apesar de não terem vencido, eles nunca

morreram. São as luzes da raça. São os que balizaram a dignidade do humano. Não sabem os ponderados que devem sua própria existência a esses desequilibrados. Os ponderados querem vencer. Os desequilibrados não precisam.

Os mais jovens não lembrarão, mas no início dos anos noventa um jovem chinês, em plena Praça Vermelha, impediu a passagem de um tanque de guerra que, a mando de um ponderado, tentava evitar o florescimento da vida. No final os tanques venceram (os tanques sempre vencem), mas o jovem chinês ficou eterno. A imagem ficou eterna. Ela sempre volta quando se quer alimentar a esperança. No entanto, alguém sabe quem dirigia o tanque de guerra?

Onde estão os ponderados? Sumiram...viraram poeira cósmica. Voltaram ao nada, porque nada eram. Se ficaram para a história foi justamente por causa dos desequilibrados contra os quais lutaram. Os desequilibrados nunca venceram, mas se alojam no subsolo da nossa existência e nos fazem suportar o presente. Sob uma outra mirada, a questão não é vencer ou perder; é vencer ou ficar eterno. Flores não podem vencer botas de guerra. Mas elas têm uma característica única: brotam da terra contra toda a vontade, apesar da chuva e do mau tempo.

Foi o que disse ao meu colega professor, cientista, doutor e cristão. Qual a semelhança entre a acusação de Jesus aos poderosos do seu tempo, “sepulcros caiados”, e a acusação de Hugo Chávez ao presidente Bush, “Diabo”? Os dois foram totalmente inconseqüentes. Desequilibradamente se insurgindo contra o Império. De Jesus se sabe o resultado da inconseqüência. Se ele tivesse sido ponderado, talvez tivesse morrido de velhice ou de acidente de camelo no deserto da Palestina. Mas não seria digno. Assim, Chávez...



Por Moacir Loth

## OS OS DO OFÍCIO

### Seu Bicaca é ouro

A obra de Osvaldo Lopes Reis (Seu Bicaca) foi doada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Parte do acervo remanescente da Casa das Artes e Exposição Metálica que o artista mantinha heroicamente até seus 98 anos no centro de Florianópolis ficará no Colégio de Aplicação e na Ilha de Anhatomirim. Vale a pena conferir a obra e o talento do artista que viveu um século atrás de reconhecimento, divulgando a cultura e lutando, diuturnamente, contra o preconceito da elite tola e dos “gênios de açúcar” escondidos atrás de seus canudos.

### Pensata

O movimento popular não tem (ou não deveria) ter dono!

### Apelido de computador

Martinho da Vila... É devagar... É devagar...

### Apicultura

Criação de abelhas e não picas!

# Chica das Chagas

Por Marcela Cornelli,  
de Florianópolis

Num dia de inverno, ela foi capaz de plantar um sonho coletivo

Dia 27 de julho. Inverno de 1990. Uma madrugada fria que mudou o destino de 98 famílias na Grande Florianópolis. Mulheres e homens seguiram a pé, marchavam em silêncio para não chamar atenção. Guerreiras e guerreiros forjados na luta do dia-a-dia pela sobrevivência, firmes e certos do seu destino. Traziam nas mãos apenas pedaços de madeira e de lona. Seus bens mais preciosos, filhos e filhas, dormiam em segurança, numa igreja distante dali.

Era aproximadamente uma hora da manhã quando eles chegaram ao local: um almejado pedaço de chão às margens de uma movimentada e barulhenta rodovia na capital de Santa Catarina. Aos poucos foram tomando a terra, erguendo as lonas, firmando as estacas de madeira na terra. Vindos principalmente do interior do Estado, das cidades de Lages e Joaçaba, em busca de trabalho na Capital, eles queriam apenas um lugar para viver com suas famílias,

criar raízes e serem felizes. Muitos viviam em casa de parentes, outros moravam de aluguel em situação precária. Seguidas vezes faltava dinheiro para o pão.

À frente do movimento homens e mulheres como Francisca das Chagas dos Santos, a Chica. Mulher forte, que veio de longe, da cidade de Barras, no Piauí. Traços de origem negra, marcantes, sorriso tímido que aos poucos se abre por inteiro, sotaque nordestino, de fala mansa, mas

uma verdadeira guerreira quando preciso agir. “Ao amanhecer, a polícia já estava cercando a área. Era sábado. Ficamos numa tensão o final de semana inteiro, mas não houve confronto com os policiais. Eles ficaram vigiando, observando cada passo, cada movimento que fazíamos. Já viviam ali moradores de mais duas comunidades, a Chico Mendes, também parte formada por ocupação, e a Promorar. O terreno pertencia à Cohab. Nós não tínhamos dinheiro para comprar. Ocupar nos parecia a única saída para começar ali nossas vidas”, recorda Chica, que na época tinha 29 anos e era mãe solteira de Thiago, com apenas meses de vida e que havia também ficado na igreja da Coloninha, aos cuidados de amigos.

Timidez, só na hora de falar de si mesma. Ao agir na defesa dos demais Chica revela-se uma líder nata. Ela integrou a comissão que foi negociar com a prefeitura a permanência das famílias no local. “Escolhemos o sábado para ocupar o terreno, porque no final de semana seria mais difícil conseguirem um juiz para dar ordem de despejo. O local estava abandonado, não tínhamos luz nem água, já sabíamos o que nos aguardaria, mas não tínhamos nada

a perder. Ou era isso, ou era passar necessidade, tendo que pagar aluguel”, conta Chica.

E foi assim que se seguiram três meses, sem água nem luz. Após várias reuniões com a prefeitura de Florianópolis eles foram ficando, os anos passando, a vida melhorando. Para os pais e mães de família que ali estavam, o lugar era mais que um pedaço de chão conquistado. Eles deslumbravam naquele local uma nova vida, um novo horizonte. E assim foi chamada a comunidade, de Novo Horizonte, onde vivem hoje cerca de 300 famílias, integradas ao bairro Monte Cristo, formado por mais oito comunidades.

Aos 21 anos, em 1982, Chica deixou o Piauí, os pais, os nove irmãos em busca de uma vida melhor. A vida em Barras, a uma hora e meia da capital Terezina, era dura. A família trabalhava na roça. A seca castigava a região e nem sempre a plantação vingava. Trabalho e mais oportunidades eram os objetivos, mas não foi só isso que a trouxe para o Sul. “Eu queria conhecer novos lugares. Tinha curiosidade de saber como era o Sul. Sem dinheiro só poderia fazer isso indo em busca de trabalho.”

Com muitos sonhos na bagagem e disposição para enfrentar novos desafios, seu primeiro destino foi a

capital gaúcha, Porto Alegre, onde viveu por dois anos e meio, fazendo limpeza e serviços gerais numa escola de crianças com necessidades educacionais especiais. Em 1984, Chica veio tentar a vida em Florianópolis. Começou a trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família, onde ficou por 11 anos. Em 1993, Chica foi aprovada no concurso da Companhia de Melhoramento da Capital (Comcap), e é lá que trabalha até hoje. Foi através de amigos que Chica passou a frequentar um grupo de apoio aos imigrantes que funcionava no centro de Florianópolis. Foram nas inúmeras reuniões do grupo que a ocupação foi planejada e organizada. Com apoio de militantes a favor da causa das famílias e de um advogado, eles decidiram correr os riscos em busca do sonho. Numa sociedade onde o capital dita as regras, o povo rebelou-se e fez justiça reivindicando o que deveria ser um direito de todos: uma moradia digna.

Após a ocupação, a vida na comunidade Nova Horizonte seguiu seu rumo. A diretora de um colégio próximo instalou uma torneira na calçada da escola e as famílias tiveram acesso à água. Das que participaram da ocupação, mui-



Foto: Marcela Cornelli

Fotos: Arquivo Casa Chico Mendes



No primeiro dia da ocupação, trabalhadores carregam pedaços de madeira. No espaço reservado para a Casa da Comunidade funciona hoje a associação de moradores. Desde 1991, início da ocupação (quarta e quinta fotos) até hoje (acima), muita coisa mudou



Foto: Arquivo Casa Chico Mendes

Chica nos primeiros anos vivendo no Novo Horizonte. Pão e sonho repartidos por todos

tas partiram, não conseguiram vencer as dificuldades. Só dez famílias ficaram e não se arrependem. Chica foi uma delas. Após muita organização e luta da comunidade, hoje as ruas estão calçadas, há luz, água e com a colaboração dos moradores - cada um pagou um pouco - a rede de saneamento básico foi instalada. Chica tornou-se presidente da associação dos moradores. Ela é vista pela comunidade não só como uma líder, mas também como uma amiga. Divide a puxada rotina entre o emprego na Comcap e os trabalhos na Novo Horizonte e nas comunidades vizinhas. “Uma pessoa sozinha não consegue nada. Não peço só pra mim, o que reivindicado é para todos.”

Chica e os moradores do bairro sabem que ainda há muito o que fazer. “Um dos maiores problemas que enfrentamos é a falta de oportunidade para os jovens. Há programas para

as crianças, mas são destinados às que têm até 13 anos. Acima dessa idade, os jovens ficam desamparados. Muitos, sem instrução, acabam se envolvendo com o tráfico de drogas. Isso é normal. Mas nem todos são assim. Há muito preconceito e distorção no que a mídia mostra sobre a comunidade, sobre o bairro”, desabafa Chica.

“Há violência e muita pobreza aqui. Mas as pessoas em geral levam uma vida normal, trabalham, têm sonhos, se organizam e lutam por esses sonhos. Falta lazer, mais investimentos em educação e saúde no bairro. Há mortes, há tráfico. A imprensa passa uma visão só das coisas ruins que acontecem. As experiências boas ninguém conta. A imprensa só aparece para falar de apreensão de drogas e mortes. Ela não vêm aqui mostrar as coisas boas da comunidade”, lamenta Chica. “Isso acaba criando um preconceito com os moradores. Muitas vezes, quando dizemos que somos do bairro Monte Cristo, as pessoas já ficam com dúvidas em nos contratar. Isso nos deixa tristes. Há muitos trabalhadores na comunidade. A gente supera o preconceito, mas ficamos tristes.”

Mesmo diante das dificuldades, a fé e a coragem desta nordestina, que adotou o Sul, Florianópolis, como seu lar, não se abalam. Chica considera a construção do prédio da associação dos moradores uma conquista importante para toda comunidade. Lá acontecem muitas atividades como oficinas de artesanato, palestras e aulas para os moradores, jovens, crianças e adultos, sobre diversos assuntos. Chica também participa de trabalhos nas comunidades vizinhas, como o proje-

to *Tecendo Vidas*, que envolve milhares em trabalhos sócio-educacionais na comunidade Chico Mendes. Visitas nas casas das famílias para conversar e orientar os moradores sobre diferentes assuntos também fazem parte da rotina de vida de Chica.

Hoje com 46 anos, ela se orgulha de ter completado o ensino médio e vê na educação a saída para os jovens da comunidade. “Nós somos organizados, cobramos nossos direitos, porém o poder público não se empenha em oferecer mais educação, saúde e moradia ao povo. Em épocas de eleições eles vêm aqui e prometem muito. Depois nos esquecem e não cumprem nada. O povo aqui está desiludido com os políticos.”

Chica conta que, apesar de o bairro ter fama de violento, os moradores se respeitam e não há roubo na vizinhança. Ela sabe que há muito ainda a ser melhorado na comunidade, mas diz que é feliz vivendo ali. Com um sorriso tímido, Chica revela seu maior sonho: “Seguir ajudando os outros, melhorando a vida no bairro.” Os sonhos individuais da jovem que chegou na Novo Horizonte não ficaram para trás, nem foram esquecidos. Se transformaram em sonhos coletivos, compartilhados com todos.

“Não consigo pensar só em mim, nos meus desejos, nos meus sonhos. Quando penso em algo que ainda quero conquistar, sempre é algo que falta para o bairro, para a comunidade”. Pergunto se ela faria algo diferente, se hoje teria coragem de participar de uma ocupação de terra. A resposta é serena: “Eu faria tudo de novo. Tudo se supera, não devemos ter medo, é preciso saber levar a vida, batalhar, ter coragem e desejar sempre o bem”, ensina Chica.

# Benedura no deserto

Por Marcela Cornelli,  
de Florianópolis

Quem nunca procurou uma benzedeira ou conhece alguém que o tenha feito? Lembro-me que, quando criança, minha mãe recorria às rezas e benzeduras da vizinhança. Ela sempre achava que eu me alimentava pouco, estava magrinha, amarelinha. Então o seu Natal, nosso vizinho, sempre me benzia. Num copo com água ele colocava as brasas tiradas do fogão a lenha. Eu ficava ali numa mistura de curiosidade e ansiedade olhando aquele homem, de expressão bondosa e serena, que rezava baixinho. Não compreendia as palavras que ele dizia. Pouco a pouco as brasas afundavam no copo. Se muitas afundassem é porque a pessoa estava com “amarelão”. No meu caso, as brasas sempre iam para o fundo. Ele benzia e tudo ficava bem.

Dona Helena, outra vizinha, benzia de “sol na cabeça”, e as minhas dores de cabeça sempre passavam. Até hoje, quando visito meus pais, procuro a Dona Helena. Mulher simples, já com alguns cabelos brancos, tranqüila e sorridente. Bastam a reza e a atenção dela para aliviar as dores acumuladas no estresse do dia-a-dia, que na cidade grande só passam com relaxantes musculares. Quando não está trabalhando na roça, ela fica na varanda tomando

chimarrão. Todos são bem-recebidos lá. É só falar onde dói e lá vem ela com uma tigela com água e algumas ervas. Agradecer, nem pensar. “Não presta”, diz ela. O que eu não imaginava é que teria que recorrer a uma benzedeira bem longe de casa.

Era uma manhã gelada, com um vento que cortava o rosto e penetrava nos poucos casacos que vestíamos. Estávamos num povoado no norte do Chile chamado Machuca. Uma rua, poucas casas, todas feitas de tijolos de barro e chão batido. Um frio de lascar a cerca de 4 mil e 300 metros de altitude. Uma dor infernal de dente me assolava. “Pobrezita, le duele la muela”, diziam uns. “Ella tiene el aire de la montaña”, falavam outros. E eu desesperada pela dor e pela infecção que teimosamente aumentavam a cada dia. Dispunha de poucos recursos, financeiros e físicos – estávamos no meio do Deserto do Atacama – e fazia tudo o que me

diziam para aliviar a dor até conseguir um dentista. Aliás, nunca quis ver tanto um dentista em toda a minha vida.

De repente, como uma benção dos céus, em frente a uma das casas avisto uma velha índia atacamenha e seu neto, um menino de uns nove anos, vendendo ervas aos turistas. Num espanhol muito enrolado, perguntei ao menino se a avó teria alguma erva para acalmar a infecção e a dor. Ele disse que sim e a índia me chamou para dentro da casa.

Era uma casa muito pequena, como todas ali, uma cama com colchão de palha, fogão a lenha, o chão, como as paredes, de barro. A índia ficou o tempo todo sorrindo para mim e não disse uma só palavra. Ninguém mais pôde entrar na casa, a dor me deu esse privilégio. Minhas duas amigas e companheiras de viagem pelo deserto, Míriam e Elaine, ficaram na porta, do lado de fora, olhando curiosas. Nem pude re-

gistrar nada. Estava quase desmaiando de dor e, além disso, o povo de Machuca não permite ser fotografado, por achar que a foto traz “mala suerte”.

A índia fez suas pajelanças para me curar - diziam todos ali - do mal da montanha. Ela apenas sorria e sussurrava algumas palavras em espanhol. Primeiro mergulhou um pedaço de pão seco numa mistura de água quente e orégano, enrolou num pano e colocou sobre o meu rosto inchado. Depois, com um pedaço de jornal fez uma espécie de funil. A parte fina ela encostou no meu rosto e, na outra, acendeu fogo. Levei um susto. Mas tudo aquilo me aquecia e aliviava a dor. Pedi também que eu fizesse gargarejo com a água já morna de orégano e que cobrisse o rosto com minha manta. Todos lá fora visitando o povoado, tirando fotos e me esperando, e eu deitada, acreditando nas pajelanças da índia, rezando para melhorar.

As pajelanças aliviaram mesmo a dor e consegui ir a um hospital dias depois para tratar a infecção, que já estava muito avançada. Agradei àquela mulher e, é claro, ao guia e aos demais turistas pela paciência. A velha índia não respondeu. Só sorriu. E nós partimos, abençoados pelas rezas do deserto, em busca de mais aventuras. O que se seguiu? Bem, fica para uma próxima história.

Foto: Marcela Cornelli





Fotos: Ricardo Casarini Muzy

# Jóia na palma da mão

Luiz Poeta leva arte e política para a universidade pública

Por Ricardo Casarini Muzy  
de Florianópolis

A casa é simples, branca. Fica num terreno grande, em uma das tantas ruas de terra do bairro São João do Rio Vermelho, periferia de Florianópolis, com características de interior, zona rural. Sentado na cadeira de uma das salas, em frente a uma grande mesa repleta de livros e um armário com fotos antigas penduradas, um homem ouve as notícias através da *CBN-Diário*. Seu nome é Luiz Roberto Correia. Apenas Luiz, como gosta de ser

chamado, embora seja conhecido como “Luiz Poeta”. Apelido que, para ele, carrega muita responsabilidade. Esse homem alto, de pele clara e cabeça raspada, nasceu em Joinville. Em 1980, teve seu primeiro contato com o teatro. O encontro com o ator paranaense Aroldo Felix fez seu caminho mudar de direção, e o teatro prontamente passou a ser sua profissão.

Começou trabalhando como iluminador numa turnê com o grupo de teatro

do qual Aroldo fazia parte. Viajou pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Quando voltou para Joinville, em 1982, passou a atuar e trabalhar com teatro ali mesmo. Para sobreviver tinha duas profissões, a de ator e a de repórter policial. Foram quatro anos nessa correria. Depois veio a opção de seguir em frente com o teatro e deixar a profissão de repórter. O primeiro grupo de que fez parte era chamado “Não amasse o pão-de-ló”. Era formado por 12 pessoas, vindas de diversas partes do Brasil.

Os caminhos foram se abrindo e Luiz deixou novamente Joinville para trabalhar no Sesc de Lages. Em 1991, de volta a Joinville, passou a atuar num projeto, criado ainda na época de Getúlio Vargas, chamado Círculo Operário de Teatro. Foram dois anos de atividades. Em 1993, decidi mudar para a capital catarinense. Trazia na bagagem poucas peças de roupa e algumas dezenas de livros. Como a profissão de ator não era suficiente para garantir as despesas da vida, passou a vender e trocar livros usados. Trabalhava na feira da Praça XV e no Centro de Convivência da Universidade

Federal (UFSC). Livros, para ele, sempre foram objetos de fascinação e prazer. Perdeu a conta de quantos títulos já leu. Inúmeros são os temas que despertam a curiosidade em Luiz. Além disso, foi o hábito da leitura que fez o ator ganhar consciência política, o que o ajudou muito na profissão.

Para ele, o teatro sempre teve uma função pedagógica/política, uma vez que observa e representa as estruturas sociais. “O teatro vem para tirar as máscaras da sociedade. Mostrar o que está atrás”. Luiz entende que arte e política estão muito próximas e sempre usou muito bem as duas coisas, a motivação política desenvolvendo sua arte. Por isso, afirma seguro: “Não tem como pensar a arte sem a política.” Desde o início da carreira como ator esteve envolvido com movimentos sociais e faz questão de aproveitar a arte para tentar mudar as coisas cruéis da sociedade, como a miséria e o analfabetismo. Para o poeta, a arte é uma utopia social, uma possibilidade de pensar à frente, uma proposta inacabada, sempre em construção.

Embora dedique grande parte de sua vida ao teatro, não encara a profissão como um sacerdócio.

Já ficou quatro anos sem atuar e só voltou porque teve vontade, poderia muito bem ficar sem isso. Tampouco gosta da idéia de que ator tenha uma função especial, ou seja tratado como se fosse um “deus”. Para Luiz, todas as pessoas deveriam fazer uma vivência com a arte, pois isso ajuda na vida. Já ele faz as coisas só por prazer. Escreve poesias quando tem vontade e monta uma peça nova quando tem inspiração.

Em 1997, fundou, com um grupo de atores, o “Artesãos de Dioniso”, que surgiu para ser um grupo permanente de teatro. Para envolver mais pessoas passou a ministrar cursos de verão, criando a possibilidade de se fazer um estudo do trabalho de ator. Sempre na linha de atuação política, o “Artesãos”, que geralmente é um grupo de oito atores, trabalha muito na lógica do humor que, para Luiz, é totalmente revolucionário. Grandes temas que interferem na vida das pessoas são retratados pelo grupo, como a montagem que fala sobre a “Revolta da Catraca”, acontecida em Florianópolis. Um movimento que envolveu centenas de pessoas na luta pela diminuição dos preços abusivos

do transporte público.

O ator se inspira em temas cotidianos e experiências da sua própria vida para escrever e criar os personagens. Guerreiro, já enfrentou inúmeros problemas. Viveu a vida intensamente nos anos 80 e 90, e o resultado foi uma infecção por bactéria que o fez passar 40 dias internado, uma das maiores dificuldades vividas por Luiz. Na época, defendia o pão de cada dia na feira da Praça XV. Quando saiu do hospital, a feira tinha sido desativada. Foi uma grande decepção e ele ainda teve que criar outros caminhos para sobreviver, envolvendo-se então muito mais com a universidade.

Luiz Poeta acredita que a academia tem seu próprio movimento, muitas vezes umbilical, uma vez que acaba ficando de fora de outros grandes movimentos que acontecem fora do espaço do campus. “É preciso fazer uma reflexão sobre isso”. Para ele, a universidade não pode ser apenas funcional, ela precisa trabalhar para tornar a vida das pessoas uma coisa melhor. Tem que ter uma vivência com a sociedade.

Pelos caminhos e corredores da UFSC a maio-

ria das pessoas o conhece. É chamado de “Luiz Poeta”. Tudo isso porque a poesia faz parte de sua vida há muitos anos. Seus olhos brilham quando define o que é a poesia. “É como fazer uma pequena jóia e colocá-la na palma da mão”. A poesia é capaz de sintetizar sentimentos: “São alguns versos que mostram um universo fascinante.” Ele escreve por prazer, considera a poesia a prima pobre da literatura, e sabe o quanto é difícil sobreviver só dela. Não dá dinheiro. Mas, como pensa, o que vale é o sentimento. “É uma busca de si mesmo, da natureza”. Seus versos falam de loucura, de amor, de filosofia, de luta.

Hoje, vive mais tranqüilo, tirou um pouco o pé do acelerador. Com a companheira Lucelenia, a Lu, e

o filho Vitor, de nove anos, cuida do jardim da casa do Rio Vermelho, onde tem flores, algumas árvores frutíferas e uma boa área de verde. Os animais também fazem parte da família. São gatos e cachorros que vivem soltos por ali. A maioria foi adotada da rua. Naquele cantinho tenta fazer sua parte na preservação do planeta. Pensa que é preciso lutar e se esforçar para que a história da humanidade não tenha um fim trágico. Acredita que a solução para a vida está em outros caminhos, fora das grandes concentrações urbanas.

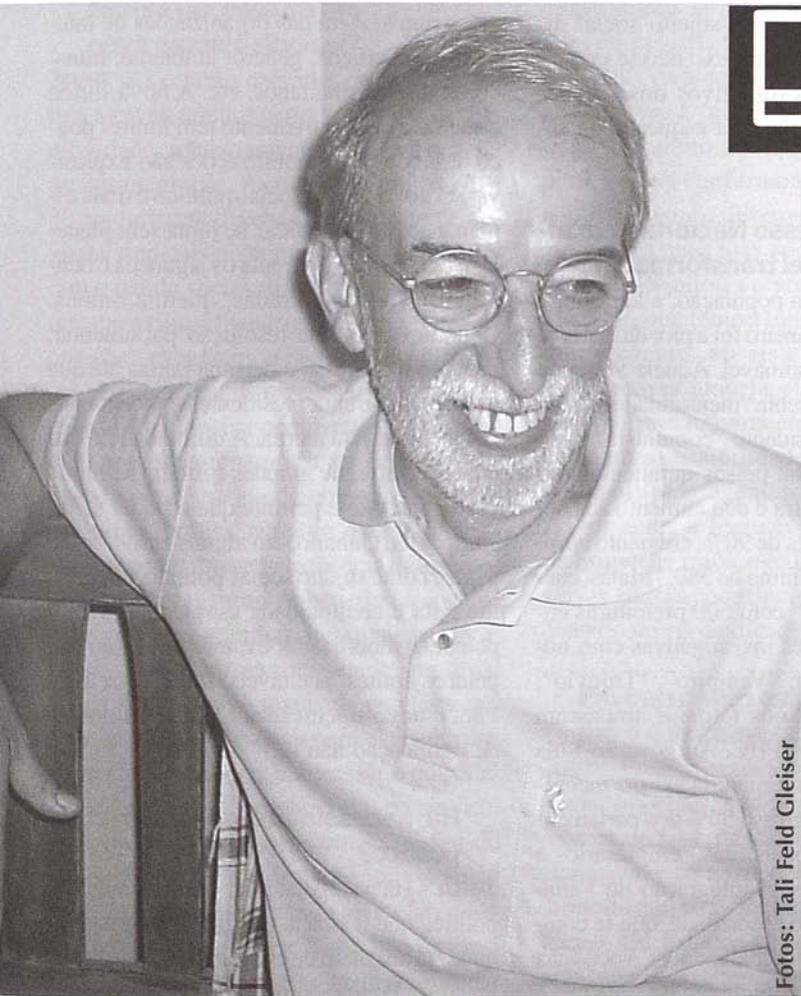
Agora, aos 44 anos, enfrenta mais uma situação delicada na vida. Uma dor e alguns exames apontaram um problema de saúde, que está sendo tratado. Primeiro, fez uma intervenção cirúrgi-

ca, e segue com um tratamento que exige algumas mudanças no comportamento e na alimentação. Persistente e dedicado, ele não desiste. Lembra que, quando a pessoa tem 20 anos, acha que é imortal, mas, com o tempo, é possível perceber a fragilidade do ser humano. É a angústia que se sente com a percepção da finitude, embora ele seja uma pessoa religiosa, sempre em busca da espiritualidade. Em relação à morte, é um realista. “A morte é definitiva.” Mas, enquanto estiver vivendo, vai buscar sempre uma vida boa e com plenitude. Isso se percebe muito bem ouvindo ou lendo seus versos. Luiz está com um livro de poesias quase pronto, prestes a ser lançado, seguindo os mesmos ideais e com o intento de tentar fazer o povo refletir.



“Em nossas bugigangas espalhadas no quarto da memória, tralhas minúsculas lembram virtudes que apreendemos incrustadas entre as unhas, das quais não nos arrependemos.

Mesmo a menor coragem faz nossas pernas percorrerem a lenta aragem que bate no caminho.”



Fótos: Tali Feld Gleiser

**Juan Luis Berterretche, 65 anos,** é escritor e estudioso da realidade política latino-americana. Militante socialista, participou da fundação da Frente Ampla no Uruguai e também da central sindical PIT-CNT. Exilado, morou em vários países da América Latina e da Europa. Autor de contos, romances, ensaios e artigos, apresentou seu último trabalho, *O Sujeito Social-Político*, nas Jornadas Bolivarianas da UFSC, e acaba de concluir a brochura *Ofensiva Socialista*. Colabora com sítios internacionais da importância de *Rebelión*, *La Haine*, *Eutsi* e com *Correspondência de Imprensa*. Desde 2005 milita na FUSP – Frente Única Social e Política.

“Está colocada a possibilidade de uma força emancipadora”

## Nasce um novo sujeito social-político

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

Juan Luis Berterretche é filho de sua própria vontade

## Quem é o novo sujeito social? Como reconhecê-lo no Brasil?

**Juan Luis Berterretche** - No século XX considerava-se sujeito social o assalariado organizado nos sindicatos. A esquerda entendia que ele conduziria a mudança social. Para que o camponês fosse “companheiro” devia subordinar-se às diretrizes dos trabalhadores industriais. Por exemplo: na central boliviana (COB) não se admitiam indígenas na direção; eram “aliados” sob a direção dos mineiros, mas como “camponeses”, não como povo explorado. Os desempregados ou subcontratados, os moradores da periferia, etc, eram denominados lumpen-proletários; uma visão eurocentrista do sujeito social exportada pelas correntes européias. Fechados os caminhos das conquistas negociadas com o sistema, os sindicatos decaíram. Assim, as atuais revoltas populares em nosso continente, do “Caracazo” até hoje, não têm como principal protagonista o trabalhador dirigido pela sua central, e sim os novos movimentos sociais. Esses movimentos não reconhecem a liderança do proletariado industrial nem dos partidos da esquerda tradicional ou institucional.



Juan: um sujeito social-político com meio século de estrada

No Brasil esse novo sujeito social diverso, particular e complexo não se enquadra nos conceitos restritivos dos “modelos” que prevaleceram na esquerda do século passado.

### O Congresso Nacional tem algum papel transformador?

**Juan** - Para a população, a legislatura que terminou em janeiro foi a pior da história. Um Congresso lastimável. Aquele Severino Cavalcanti, que recebia “mensalidade” de um restaurante; o presidente “comunista” Aldo Rebelo que mandou presos quinhentos trabalhadores sem-terra e deu aumento aos deputados e senadores de 90%, enquanto aprovava um salário mínimo de 380. “Malas, cuecas, sanguessugas” com 500 prefeituras envolvidas; operações investigativas com nomes tragicômicos: “Vampiro”, “Dilúvio”, “Dominó” etc. Vários fatos se arrastaram desde os governos FHC. Ao governo Lula correspondeu a “originalidade” do mensalão. No novo Congresso 50% dos parlamentares são profissionais, 25% empresários e 20% trabalhadores. A integração do Parlamento é inversa à da sociedade, que se compõe de uns 88% de trabalhadores. Você acha que este Congresso, onde um de cada três é milionário, com uma “proporcionalidade” distorcida, empresária e “patrimonialista”, pode cumprir algum papel transformador? Esperar transformações positivas nesse parlamento é desconhecer seu caráter, incapaz de se opor ao mecanismo de acumulação capitalista. Ele dirige uma ofensiva contra os direitos dos trabalhadores, legaliza saques imperialistas, desastres ambientais e colabora com a repressão.

### De que forma se organiza esse novo sujeito social político?

**Juan** - Para sua sobrevivência, o novo sujeito social depende da mobilidade. Por isso tem maior importância o tipo de organização geossocial por bairros, comunidades ou re-

giões rurais, além das organizações de interesses específicos: gênero, ambiente, transporte, direitos humanos, etc. A nova forma organizativa de movimento tem limites pouco definidos e as mobilizações são explosivas. O novo sujeito social-político é mais espontâneo que o sindical, se junta sem planejar e ocupa a rua; enfrenta os jagunços e ocupa terras, fecha estradas, queima ônibus. Quando exige uma resolução parlamentar, rodeia o Congresso e derruba portas até que aconteça, enfrenta presidentes e os expulsa. A soberania está na rua. A dificuldade é que quando consegue grandes triunfos se retrai, desorganiza-se e permite que o poder se recomponha. Quando, em alguns casos, se organiza como sujeito social-político, em geral lhe falta a continuidade estratégica. Mas o potencial mobilizador é muito forte, não respeita os limites “aceitáveis” da ação gremial. Para o novo sujeito social, as “instituições” de dominação não são “sagradas”.

### Há necessidade de um partido político?

**Juan** - Há necessidade de uma organização política que não seja um fim em si mesma, que seja um meio de emancipação dos trabalhadores. Pode ser uma frente, um movimento, um partido. Tudo depende do sujeito social a partir do qual se organize, das condições específicas do país, de suas tradições políticas e sociais. O ponto central é com que tipo de base programática se constrói a organização política. Contra os social-evolucionistas, Rosa Luxemburgo afirmava: “Não a partir de uma maioria até as táticas revolucionárias, senão das táticas revolucionárias até uma maioria”. Quer dizer: não ganhar a maioria por meio de uma política reformista e desde a maioria pretender derrotar o sistema. Este foi o caminho do PT: ser maioria, chegar ao governo e depois aplicar uma política neoliberal. É preciso ter e aplicar táticas anticapitalistas e uma estratégia que conduza à emancipação dos trabalhadores.

## Faz-se necessário um novo modelo sindical?

**Juan** - As centrais operárias na América Latina atravessam um período de falta de credibilidade, fracionamento, crise existencial ou desintegração. As ditaduras em 60, 70 e 80 aniquilaram dezenas de milhares de ativistas sindicais no continente e desintegraram o tecido social através da prisão, a tortura e o exílio. Quando as “aberturas democráticas” chegaram, a recomposição sindical não alcançou os níveis anteriores às ditaduras. A ofensiva neoliberal dos anos 80 e 90 provocou uma profunda desindustrialização e um grande desemprego. A situação atual, porém, acredito que se explica melhor como uma consequência da arremetida neoliberal sobre os benefícios sociais. As conquistas mínimas, nas quais os sindicatos centravam sua atividade, na atual época histórica são inviáveis ou efêmeras. Mas há um novo espaço para os sindicatos em certas condições. É necessário considerar a divisão braço político/braço sindical imposta pela social-democracia no fim do século XIX e recuperar a soberania sindical e a ação política, apontando mais claramente contra o sistema. Ter claro: não existe o capital distributivo. Só se pode avançar além da reivindicação pontual se existe um plano para derrotar o capitalismo. Precisa-se de um novo modelo sindical que não se subordine à esquerda institucional nem aos projetos do capital, nem reproduza o autoritarismo da fábrica ou a ditadura do mercado.

## Qual é a atual situação da América Latina?

**Juan** - Do “Caracazo” (1989) até Oaxaca (2006), a América Latina protagoniza uma série de revoltas populares com características predominantemente espontâneas. Onze presidentes caíram por mobilizações que enfrentaram a repressão. O descontentamento explodiu como uma resposta espontânea dos agentes sociais que se

constituíram na luta contra a nova ofensiva do capital. Os movimentos atuaram fora das orientações da “esquerda” tradicional presa à “governabilidade democrática”. O sujeito social antagônico ao capital, que se conformou na resistência ao neoliberalismo, desenvolveu-se num vazio de organizações socialistas revolucionárias e rejeitou a oferta da esquerda tradicional, que tentou integrar os mobilizadores sociais ao sistema institucional como massa amorfa eleitoral. Assim se constituíram movimentos autônomos que colocam a possibilidade de convergência dos múltiplos agentes, correntes políticas recentes e inclusive setores radicais da esquerda tradicional, com os que, em vários países, confluem as nações indígenas com reivindicações específicas.

## Em que ponto estão o imperialismo e o sistema capitalista?

**Juan** - Presenciamos a decadência da hegemonia imperial, produto da crise estrutural crônica do sistema, desprestigiado internacionalmente como modelo econômico e desestabilizado pelo “retorno à casa” desde o Iraque. Os Estados Unidos não tem ainda uma orientação alternativa ao unilateralismo guerreador de Bush e à pretensão de continuar militarizando nosso continente. Entretanto, o antagonismo trabalho-capital explode na América Latina e anuncia as primeiras manifestações de uma ofensiva socialista. Na Bolívia os movimentos populares levaram Evo à presidência e o tencionam para além de seus projetos. Na Venezuela há uma definição favorável para um socialismo do século XXI ainda difuso, com uma ofensiva socializante positiva. No Equador, Correa repudiou o parlamento deslegitimado e a partidocracia. A resistência ao “neoliberalismo” criou uma diversidade de movimentos que utilizam expressões satanizadas pelo sistema: direitos e soberania dos povos indígenas, reforma agrária, expropriação, naciona-

lização, estatização, socialismo. Podemos ter a formação de uma força emancipadora capaz de lutar por uma alternativa à ordem social do capital.

## Abre-se o espaço para uma ofensiva socialista do século XXI ou só estamos perante algumas aproximações conjunturais e populistas?

**Juan** - Falar de “populismo” nesta nova época histórica é um contra-senso. Novos “caudilhos” como Lula ou Tabaré nem chegam ao “populismo”. Assumem via setores populares, mas desde o início legislam contra estes. A mentira do crescimento capitalista como caminho à melhoria dos pobres é inviável. Uma estratégia de transformação socialista necessita instituir uma nova ordem baseada na igualdade substantiva de todos. Precisa se chocar com o capitalismo aumentando a consciência da população e dinamizando as transformações. Hoje, uma política em benefício dos trabalhadores só avança com medidas anticapitalistas. Assim acontece na Venezuela, mas ainda não se pode apostar que esse processo vingará. Quando falamos de igualdade ou democratização substantiva, não nos restringimos aos limites dos Estados. Falamos na eliminação da desigualdade imposta pelos países imperialistas ao mundo “subdesenvolvido”. Incluímos a solidariedade nacional e internacional, combinada permanentemente na luta por uma ordem social alternativa.

“Para o novo sujeito social as instituições de dominação não são sagradas”



# Mulheres fumantes, saúde frágil

Por Amberson  
Vieira de Assis  
Cardiologista

QUALIDADE DE VIDA

Fumar cigarro era raro entre as mulheres no início do século XX. O ato de fumar era correlacionado com baixo status social, distúrbio de caráter ou prostituição. Em 1928 o presidente de uma grande companhia americana de cigarros falou que “persuadir as mulheres a fumarem será como abrir uma nova mina de ouro em nosso quintal”, e lançou uma campanha publicitária que tinha como *slogan*: “Ao invés de comer um doce, fume um cigarro”.

Embora as mulheres ainda fumem menos que os homens, a diferença percentual tem sido cada vez menor. Em 2004, nos Estados Unidos, 18,5% delas fumavam, totalizando 21 milhões de pessoas.

É de conhecimento geral que fumar causa doenças do coração e câncer de pulmão entre tantas outras. Então, de que forma as mulheres podem ser ainda mais prejudicadas que os homens? Fumar contribui para a infertilidade, aumenta a ansiedade, acelera a perda de visão e a osteoporose. Fumantes grávidas dão de presente aos seus bebês maior chance de nascerem prematuros e com

baixo peso. Mães que fumam em volta de seus filhos aumentam a chance de eles terem mais problemas respiratórios.

Fumar é um hábito que quase sempre se inicia na juventude, sendo que 90% das pessoas iniciam essa prática antes dos 19 anos de idade.

A introdução de “cigarros para mulheres” no início dos anos 70 aumentou seu consumo e entre 1967 e 1973 dobrou o número de meninas de 12 anos fumantes. A indústria de cigarros captura cada vez mais adeptas, com mensagens em propagandas que correlacionam o ato de fumar com conceitos tais como: as fumantes são belas, independentes e divertidas e, melhor ainda, se mantêm esbeltas. Um estudo demonstrou que meninas que fazem dieta mais de uma vez por semana têm quatro vezes mais chances de se tornarem fumantes.

Por ser um mercado altamente lucrativo, o estímulo ao ato de fumar leva as companhias de cigarro a gastarem bilhões de reais por ano com publicidade e propagandas em revistas, televisão, eventos espor-

tivos, corridas de automóveis, sempre pretendendo correlacionar o ato de fumar com juventude e sucesso, e não percebemos que os jovens estão sendo bombardeados com toda essa informação prejudicial diariamente. Para mulheres as propagandas dizem: “*O importante é ter Charm*”. A foto que aparece no anúncio é de uma morena linda, segurando um cigarrinho na mão, olhando para trás, com uma carinha sapequíssima. Este cigarro é o mais caro do mercado brasileiro, muito consumido pelas mulheres.

Lembram daquele famoso vaqueiro que, por vários anos, fez propaganda de cigarros Marlboro e dizia “Venha para onde está o sabor?” Morreu de câncer de pulmão. E da lei de Gerson, quem lembra? A expressão originou-se de uma propaganda, em meados da década de 70, dos cigarros Vila Rica, na qual o meia-armador Gérson, da Seleção Brasileira de Futebol, era o protagonista. A propaganda dizia que esta marca de cigarro era vantajosa por ser melhor e mais barata que as outras, e Gérson arrematava no

final: “Você também gosta de levar vantagem em tudo, certo?”

E, afinal, as mulheres estão fumando cada vez mais por estarem mais ansiosas, ou ficando mais ansiosas por fumarem cada vez mais? Muitas delas acreditam que fumar é relaxante, quando na verdade a dependência de nicotina leva a uma série de sintomas de abstinência (ansiedade, tremores, irritabilidade), que são combatidos com uma nova dose de nicotina, daí a sensação de ser tranquilizante e prazeroso fumar. Mas não se anime, esse suposto bem estar passa rápido, e você precisará em breve de uma nova dose da droga.

**Droga sim, pois a nicotina é uma substância química** que, ao ser inalada, é rapidamente absorvida pelo sangue e que, depois de alguns segundos, ao chegar ao cérebro o estimula a liberar outras substâncias que causam o

ilusório “prazer de fumar”. O mecanismo de dependência de nicotina é semelhante ao que ocorre com a cocaína e embora a nicotina não seja uma droga socialmente degradante, esse fato explica, em parte, porque é tão difícil parar de fumar.

Mais de 75% das mulheres relatam desejarem parar de fumar completamente e ao menos 50% tentaram parar de fumar recentemente. Parando o quanto antes, você reduzirá, em apenas um ou dois anos, o risco de ter um dos problemas acima citados. Muitas têm pavor de engordar e isso realmente acontecerá em intensidade variável, mas, com esforço e determinação, dieta e exercício resolvem bem essa questão.

Então mãos à obra. Tome a decisão. Comece hoje mesmo a limitar a quantidade de cigarros ao dia. Evite atividades e locais que estimulem o fumo. Inicie um programa de exercícios. Procure ajuda especializa-

da, existem estratégias de tratamento que serão individualizadas para cada situação. Ame-se mais, viva melhor, com mais saúde e se negue a continuar bancando, mesmo que em alguns reais, os astronômicos lu-

ros da indústria de cigarros. E lembre-se, para cada um real arrecadado com impostos, o SUS gasta 1,50 para tratar as doenças causadas pelo tabaco. Então um brinde a uma vida sem nicotina.

### Alguns motivos para você parar de fumar ainda hoje:

1. Você terá menos chance de ficar cega devido à catarata.
2. Você poderá viver em média 14 anos a mais se parar de fumar.
3. Fumar dois maços de cigarro por dia aumenta de duas a três vezes a probabilidade de derrames cerebrais e de quatro a oito vezes a de ataques cardíacos. Comece a reduzir desde já a quantidade. Menos cigarro – menor o risco.
4. O número de mulheres que morrem de câncer de pulmão aumentou 600% desde 1950, quando elas começaram a fumar mais.
5. Fumando você terá mais rugas faciais e mais precocemente, devido à agressividade dos componentes do tabaco à pele.
6. Seus filhos terão menos doenças respiratórias, já que deixarão de ser fumantes passivos (aqueles que respiram indiretamente fumaça de cigarro no ambiente em que se encontram).
7. Seus filhos nascerão mais saudáveis, no tempo certo e com maior peso.
8. E, por fim, você economizará bastante ao longo da vida.

## Axioma e Postulado



# Piores momentos de Pobres & Nojentas!

Sai do Museu da Língua Portuguesa com os poemas ainda a reverberar no pensamento. No hotel, o elevador é daqueles que só funciona após a inserção de um cartão magnético. Distraída, usa o cartão do museu. Como o elevador não sai do lugar, tenta de novo, mudando o lado e dando uma esfregadinha no cartão. Nisso, chega um estrangeiro que mostra a ela o cartão do hotel, falando que aquele é o correto!

Ⓟ&Ⓝ

Chega às 12h30 na casa de uma amiga para comer feijoada e carne assada, fica para devorar a sobremesa e o lanche da tarde e, ao sair, pede para levar parte da sobra do almoço...

Ⓟ&Ⓝ

Vai passear no Beto Carreiro e pensa que o assalto ao trem, encenado pelos atores do parque, é real. E ainda fala para todos ouvirem:

– Não acredito! Vir até aqui pra ser assaltada!

Ⓟ&Ⓝ

Sem acetona em casa e sem grana pra fazer manicure, vai ao salão e pede para tirar o esmalte já todo lascado. A moça do salão, vendo o estado das cutículas, ainda dá uma ajeitada geral na mão. E tudo de graça!

## Assine *Pobres & Nojentas*

**5 edições (bimestral): R\$ 22,50** (estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para [eteia@gmx.net](mailto:eteia@gmx.net) informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

## DiCAS

A Feira de Rua do Livro de Florianópolis será de 2 a 12 de maio no Largo da Alfândega. Uma das editoras da revista, Míriam Santini de Abreu, vai autografar o livro *Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável*, no dia 2, das 18h às 19h.



O café La Bohème, no centro comercial Trindade, em Florianópolis, deve ter o melhor *capuccino* da região. O pequeno custa R\$ 2,20. Depois de bebê-lo, a gente sente vontade de sorrir. E a Fernanda Machado, que trabalha no local, atende muito bem.

#

Acesse os blogs de Elaine Tavares e Míriam Santini de Abreu:  
[www.jornalismoimaginoso.blog-se.com.br](http://www.jornalismoimaginoso.blog-se.com.br)  
[www.eteia.blog-se.com.br](http://www.eteia.blog-se.com.br)

# Corpo e alma

Por Rosângela Bion de Assis  
de Florianópolis

Meu corpo aprisiona uma alma em conflito.

O corpo se alimenta.

A alma busca calor e cores.

O corpo resiste a gritarias e salas sem janela.

A alma exige música e luz.

O corpo quer dormir.

A alma precisa sonhar.

O corpo pede remédios

A alma se embriaga de vinho.

O corpo envelhece.

A alma torna-se sábia.

O corpo conta notas.

A alma conta as estrelas.

O corpo precisa se exercitar.

A alma só precisa amar e se entregar.

O corpo vai trabalhar.

A alma busca a realização.

O corpo leva as crianças ao médico.

A alma só quer brincar.

O corpo escreve textos.

A alma compõe poesias.

O corpo desiste.

A alma insiste.

Corpo e alma

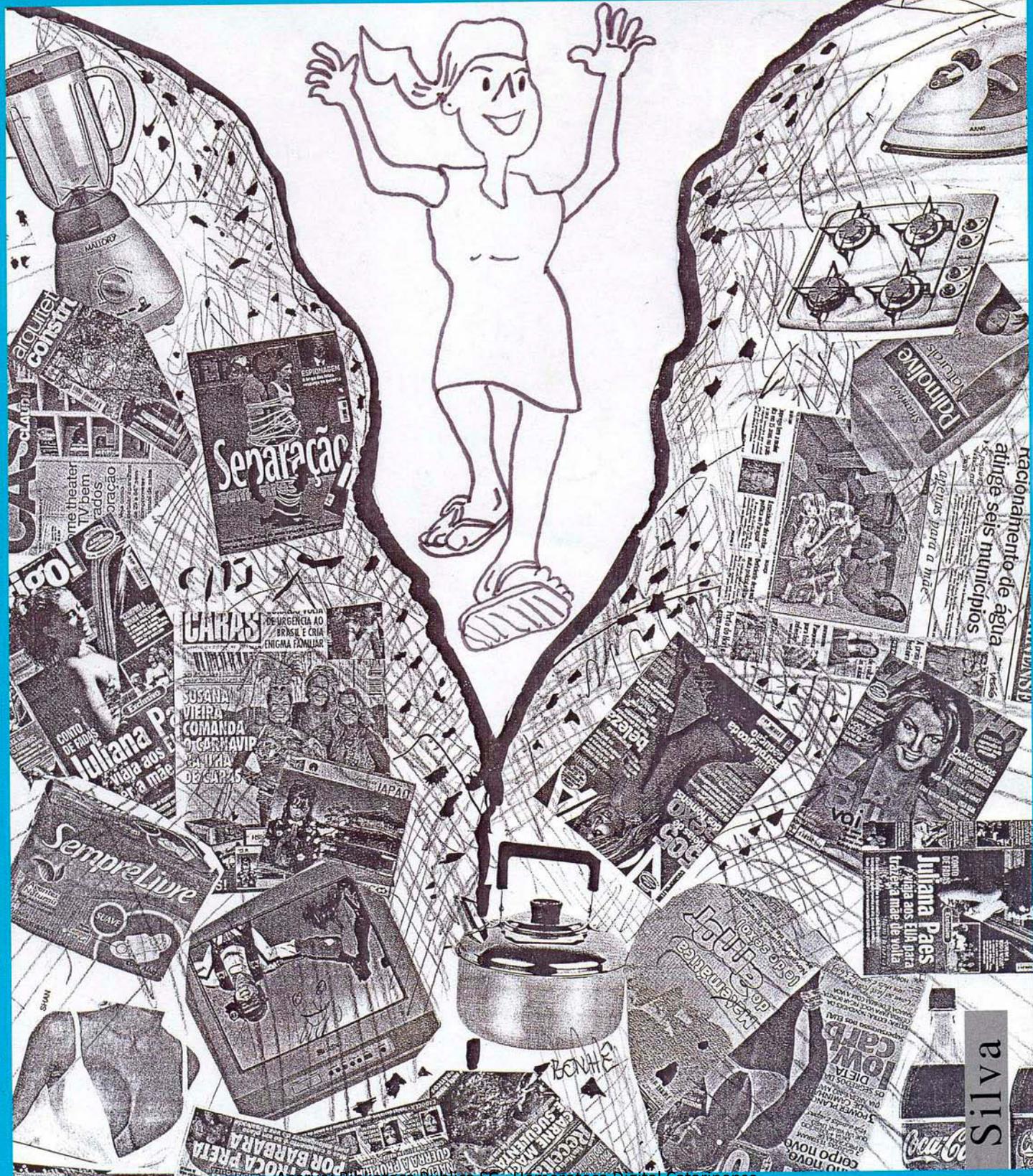
Alma e corpo

Um termina pro outro começar

um existe pro outro se elevar.

POEMA

Foto: Amberson Vieira de Assis



clay...  
aquier  
constru

me theater  
TV bem  
rados  
breção

Conto de todas  
Juliana Paes  
viaja aos  
pra mãe



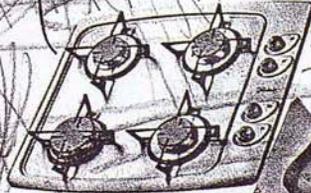
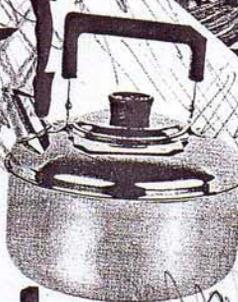
Senaração

DE URGENCIA AO  
BRASILE E CRIA  
ENIGMA FAMILIAR

SUSANA  
VIEIRA  
COMANDA  
CORMAVIR  
MILITIA  
DE CARAS

RECEITA  
SUSANA  
MACHADO  
ESQUELETA

FOCA PRETA  
POR BARBARA



Palmolive  
Sabão  
de cozinha

attinge seis municípios  
apenas para a ma

Beleza  
de  
de  
de

Juliana Paes  
Agida esse ELLI para  
trazer a mãe de volta

do  
de  
de

LOW  
DIETA

capo novo

Silva